



No berçário superlotado em Ceilândia, dois bebês ocupam o mesmo berço. Roriz visitou as obras do Hospital de Apoio, que deve desafogar o atendimento em outras unidades públicas

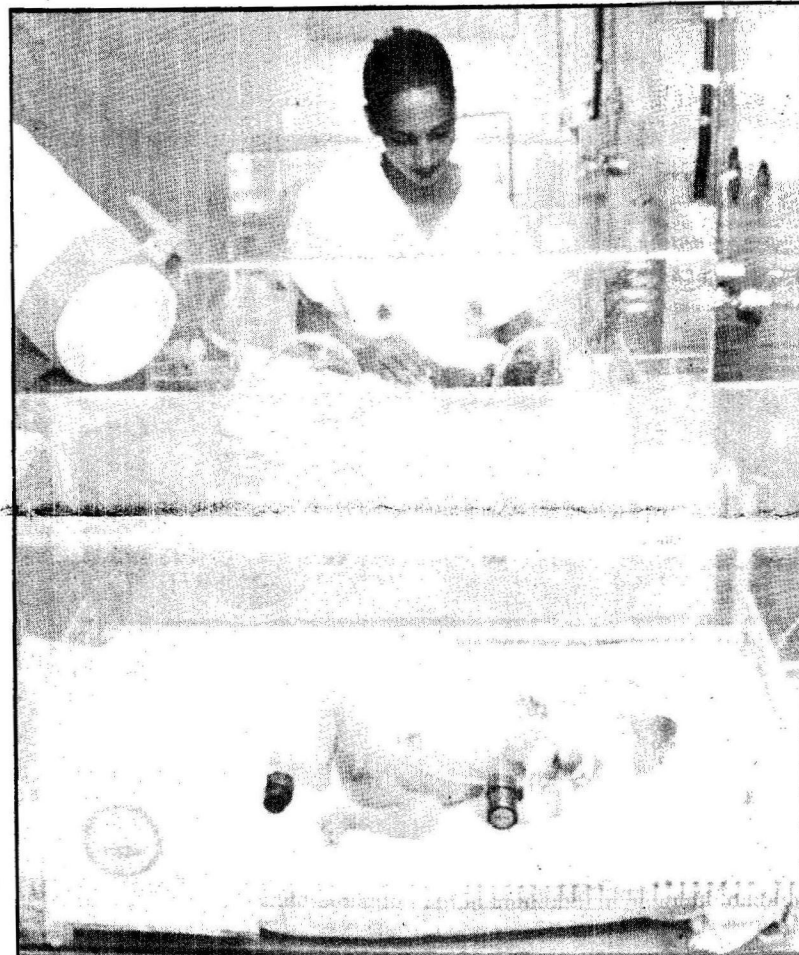
Obra em hospital lota maternidade

Governador Joaquim Roriz determina a aceleração das reformas no HRT e a conclusão do Hospital de Apoio

A suspensão do atendimento na maternidade do Hospital de Taguatinga (HRT) está provocando o colapso no Hospital Regional da Asa Sul (HRAS). De acordo com o chefe da unidade de ginecologia e obstetrícia, Avelar de Holanda, o índice de partos está 50% acima do limite máximo da instituição, "que convive com a insuficiência de equipamentos e recursos humanos". O diretor do HRAS Luiz Torquato admite a superlotação, mas garante que o atendimento ainda é normal. Preocupado com o problema, o secretário de Saúde, Carlos Sant'Anna, criou uma comissão especial para averiguar a situação do HRAS. Hoje, ele realiza uma reunião com todos os diretores de hospitais para discutir soluções.

A superlotação começou há 40 dias, a partir das obras de reestruturação do HRT, e atingiu principalmente os hospitais regionais de Ceilândia (veja matéria abaixo) e Asa Sul. "Eles fecharam a maternidade e todos os pacientes foram transferidos para cá e para o hospital de Ceilândia", conta Avelar de Holanda, lembrando que antes da reforma o Hospital da Asa Sul tinha uma média diária de 20 partos e atendia preferencialmente as gestantes com gravidez de alto risco. "Só que agora recebemos todos os tipos de pacientes e até mesmo os equipamentos para cesarianas são insuficientes para a demanda", completa.

Medo — Responsável pela maternidade do HRAS, o médico Avelar de Holanda teme que a superlotação provoque o agravamento das infecções hospitalares, o que coloca em risco a vida dos bebês prematuros. "Eles são muito mais vulneráveis a infecções e qualquer pequeno germe pode ser gravemente prejudicial para saúde dessas crianças", explica Avelar. Ele espera que na reunião de hoje com o secretário Carlos Sant'Anna surja uma solução para reverter o problema. "Estou



Berçário do HRAS abriga número de bebês bem superior ao normal

pedindo um excedente de dois médicos, além de novas caixas com material para cesariana". Acredito que a Secretaria consiga nos fornecer esse contingente", afirma, lembrando que até ontem, o hospital não tinha condições de fazer três cesarianas simultâneas.

Apesar de não reconhecer a existência de mudanças severas na rotina da maternidade, o diretor Luiz Torquato admite que as parturientes estão esperando cerca de 30 minutos a mais na entrada do hospital para serem atendidas. "Mas os casos graves são recebidos imediatamente", completa Torquato, lembrando que o HRAS é a melhor ma-

ternidade pública de Brasília e que é equipada com sofisticada tecnologia neonatal.

Contrariando a versão do diretor, a dona-de-casa Valdenice Pereira contou que apesar de mostrar ao plantonista seu cartão indicando gravidez de alto risco, só conseguiu ser atendida depois de cinco horas de espera na recepção do hospital. "O plantonista disse que meu filho só iria nascer depois de 48 horas e pediu para que eu voltasse para casa. Mas eu senti que o parto seria naquela mesma noite e aguardei do lado de fora do hospital", conta Valdenice, com a filha de dois dias no colo.

Na Ceilândia, 45 partos por dia

A maternidade do Hospital Regional de Ceilândia (RGC) está superlotada. A média diária de partos subiu de 28 para 45 desde o final do mês passado, quando a Central de Esterilização de Materiais do hospital de Taguatinga foi fechada para reforma. O diretor do HRC, Antônio Coelho, disse que o hospital já trabalhava no seu limite máximo, "quando foi surpreendido com a demanda reprimida de Taguatinga, Samambaia e até do Entorno". Foi preciso improvisar leitos nos corredores e até mesmo no chão do centro obstétrico para atender todas as gestantes.

Ontem pela manhã, dez mulheres aguardavam vaga na enfermaria, deitadas em macas e colchões no chão do centro obstétrico. O chefe do centro, Edimildo Tenório, disse que o dia estava até calmo. "Tivemos momentos bem piores", ressaltou, acrescentando que ainda no período da manhã as pacientes seriam removidas para os quartos da enfermaria. "Temos 12 leitos

vagos. Estas mães ainda estão aqui porque deram à luz à noite ou na madrugada, e as altas na enfermaria só acontecem pela manhã", explicou. No mesmo centro obstétrico, outras cinco mulheres já estavam em trabalho de parto.

Pediatria — O berçário enfrenta o mesmo problema de superlotação. Vários berços estão com dois bebês. Para aliviar a situação, algumas pacientes estavam sendo encaminhadas à enfermaria do Hospital Regional de Taguatinga após o parto. "Removemos para lá principalmente as gestantes que fizeram cesariana e precisam permanecer no hospital por 72 horas. Nestes casos, há um outro obstáculo a vencer: a falta de ambulância", explicou Edimildo Tenório.

A remoção das mães tem sido feita em Kombis e Gols — carros de serviço do hospital. "Não é o transporte adequado, pois a paciente vai sentada, quando o recomendado é ir deitada. Mas foi a solução encontrada", argumentou. Para atender à

demanda, o diretor do hospital dobrou a carga horária dos médicos da maternidade. Cada equipe está contando com o reforço de mais um médico. "Foi a saída, pois há noites em que são realizadas até oito cesarianas", afirmou. Ele acrescentou que vem contando com a colaboração do hospital de Taguatinga, que tem emprestado roupas de cama e material de consumo.

Reunião — O secretário de Saúde, Carlos Sant'Anna, vai se reunir hoje com diretores de todos os hospitais públicos do DF que têm maternidade. "Vamos montar um esquema emergencial de atendimento articulado para evitar a superlotação dos hospitais de Ceilândia e da Asa Sul", afirmou.

Uma das propostas é reforçar o transporte, deixando algumas ambulâncias à disposição do HRC e do HRAS. "Assim, quando a capacidade destes hospitais estiver saturada, as pacientes serão transportadas imediatamente para outras maternidades", explicou.

Governador apressa obra em Taguatinga

O governador Joaquim Roriz e o secretário de Saúde, Carlos Sant'Anna, visitaram ontem as obras de reforma da Central de Esterilização de Materiais e do Pronto Socorro do Hospital Regional de Taguatinga (HRT). A superlotação do Hospital de Ceilândia, em decorrência da reforma do HRT, levou Roriz a determinar pressa na conclusão dos trabalhos. O governador garantiu a liberação de Cr\$ 3 bilhões para a conclusão do Centro de Esterilização até o dia 1º de maio e do pronto socorro em 5 de junho. "Vamos antecipar as obras porque a população não pode ser penalizada", ressaltou. A previsão inicial era de as reformas ficarem prontas só em julho.

O secretário de Saúde explicou que, apesar dos transtornos, as obras são inevitáveis. "A população de Taguatinga cresceu muito e o hospital ficou pequeno para a demanda", ressaltou. Sant'Anna acrescentou que a área do pronto socorro foi ampliada em 50%. Depois da reforma, o PS terá mais 15 boxes de atendimento. Por enquanto os pacientes recebem os cuidados em uma ala improvisada, no próprio HRT. As cirurgias estão suspensas porque sem a Central de Esterilização funcionando é impossível fazer qualquer operação. As gestantes têm procurado os hospitais de Ceilândia e da Asa Sul, e os demais pacientes têm ido para as outras unidades da rede.

Hospital de apoio — As obras do Hospital de Apoio estão em fase final. Na visita de ontem, o governador Roriz anunciou a conclusão em 30 dias. "Faltam basicamente agora os equipamentos para que o hospital possa funcionar imediatamente após a conclusão", ressaltou Roriz. O governador disse que os cortes de verbas da União para este setor comprometem os projetos de assistência à saúde da população. Carlos Sant'Anna acrescentou que, ainda esta semana, eles terão uma audiência com o ministro da Saúde, Jamil Haddad, para tentar a liberação de recursos através da verba do ministério para projetos especiais.

Para equipar o Hospital de Apoio, destinado a pacientes crônicos, são necessários cerca de Cr\$ 22 bilhões. Carlos Sant'Anna disse que também são precisos mais Cr\$ 7 bilhões para o pagamento dos atrasados, além de Cr\$ 8 bilhões para o acabamento do hospital. O secretário lembrou que depois de pronto, o hospital vai aliviar a rede. "Teremos 102 leitos para receber os pacientes que estão ocupando vagas nas enfermarias dos hospitais públicos, sem previsão de alta imediata", explicou.

Será a primeira unidade hospitalar brasileira que terá uma ala especialmente para tratamento de hemofílicos, com 12 leitos. O secretário destacou, ainda, que o governador vai tentar a liberação de recursos para que as obras do Hospital do Paranoá e de mais cinco centros de saúde não sejam interrompidas este ano.